

**S**e a crise no abastecimento de carne bovina é decorrente da falta de produção do gado de corte, como não poderia deixar de ser, é na produção que se deve buscar as principais causas de todo problema e é aí que as medidas mais enérgicas devem ser tomadas.

Depois de tantos anos de erros acumulados, a crise da pecuária não é mais conjuntural: é estrutural. E resolvê-la significa reorganizar um setor descapitalizado, tecnicamente atrasado e de baixa produtividade.

Para João Carlos Souza Meinelles, Presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, "a crise é estrutural porque as atividades agropecuárias não têm um tratamento empresarial. A mentalidade industrialista brasileira, desde os anos 30 até hoje, colocou como profissão marginal qualquer atividade vinculada à terra. Não estou criticando a fase de industrialização do país, mas o descaso para com um setor vital para a sustentação do desenvolvimento, do setor industrial e do próprio país".

A crise é estrutural, conclui João Carlos, porque o setor "ainda não possui uma estrutura empresarial de produção que possa garantir o suprimento da demanda aos níveis requeridos e a custos compatíveis com o poder aquisitivo do povo brasileiro".

A característica cíclica da produção de gado talvez explique porque não existe esta estrutura empresarial de produção no Brasil. Além da influência dos fatores zootécnicos e climáticos no ciclo do gado, contam, também, com grande peso, as variáveis econômicas.

O ciclo bovino corresponderia, a grosso modo, ao tempo decorrido entre o nascimento de uma matriz e o abate de sua primeira cria. Segundo Antonio Marques Gonçalves, técnico em pecuária bovina do Grupo de Informação Agrícola da Fundação Getúlio Vargas, "devido ao inter-relacionamento da matriz com suas crias futuras, o preço das vacas depende das expectativas sobre o preço do boi gordo no futuro (quando as crias estiverem prontas para o abate). Assim, quando o preço do boi gordo cai, os pecuaristas tendem a projetar esta tendência e formar expectativas pessimistas de preço para o futuro. Neste caso, não há estímulo para a criação e, conseqüentemente, um maior número de matrizes é abatido. Isso aumenta ainda mais a oferta de carne, o que parece confirmar as expectativas baixistas. E os preços só voltarão a subir depois de dois ou três anos, quando o mercado de carne começa a refletir a falta dos bois gordos que foram subtraídos da oferta devido ao abate de matrizes".



# Um Acúmulo de Erros explica a Crise



O abate de matrizes no Brasil teve início no ano de 1970, ocorrendo com maior ou menor intensidade até este ano, quando foram tomadas medidas para a retenção de fêmeas ("saco agrícola"). Não se sabe ainda qual será o resultado efetivo das medidas adotadas pelo atual Ministro da Agricultura, Delfim Neto, mas, com certeza, os índices de abate de matrizes deverão diminuir.

Os anos mais críticos foram os de 1960, 71, 76 e 77 (ver tabela 5), quando os preços dos bois estavam muito abaixo dos custos de produção. Note-se que é considerado normal um abate de fêmeas de até 15% do rebanho total, pois esta é a taxa de "desova" de matrizes com idade superior a 5 anos.

A diminuição progressiva do número de reprodutores no rebanho nacional é a principal causa da escassez de oferta de bois para abate. O preço do boi ao produtor, no entanto, não foi o único fator que determinou esta diminuição.

Entre outros fatores, o abate indiscriminado de matrizes também foi provocado pela restrição de crédito aos produtores, ao mesmo tempo em que os insumos básicos para a manutenção de suas fazendas tinham seu preço tremendamente aumentado devido à inflação que sobre eles incidia.

Esta atitude, declara Alberto Chap Chap, "reflete o colonialismo com que foi tratada a nossa agricultura. Da mesma forma que os países industrializados se utilizaram de suas colônias para promover seu desenvolvimento, o Brasil se utiliza de sua agricultura. Assim como os colonizadores impunham seus preços às colônias, aqui se tabelam os produtos primários e impõe-se aos produtores os preços atualizados da indústria e do comércio. Mas a agricultura não é Deus quem dá, é o indivíduo que trabalha para fazer. E sem rentabilidade a atividade se esvazia. Foi o que aconteceu".

O aumento excessivo dos insumos básicos em relação aos preços obtidos pelos pecuaristas por seus produtos foi especialmente sentido, na opinião do pecuarista e deputado baiano Manoel Passos (ARENA), quando "os produtores passaram a sustentar o custeio de suas propriedades com recursos próprios e se viram premidos a atender compromissos de prestações e juros vencidos em bancos, o que aconteceu devido às restrições de crédito ao setor, impostas pelo governo".

As restrições creditícias foram particularmente drásticas em 1973 e 77, como medidas monetárias de combate à inflação. Renan Baleeiro, Secretário da Agricultura do Es-

Tabela 5

## BOVINOS ABATIDOS NO BRASIL; SOB INSPEÇÃO FEDERAL 1970/77

| ANOS | BOIS      | %     | VACAS     | %     | VITELOS | %    | TOTAL     |
|------|-----------|-------|-----------|-------|---------|------|-----------|
| 1970 | 2 216 534 | 71,40 | 866 010   | 27,90 | 21 865  | 0,70 | 3 104 409 |
| 1971 | 2 568 475 | 77,31 | 743 268   | 22,37 | 10,413  | 0,32 | 3 322 156 |
| 1972 | 3 287 494 | 79,28 | 839 003   | 20,23 | 20 226  | 0,49 | 4 146 723 |
| 1973 | 3 760 859 | 82,36 | 765 939   | 16,77 | 39 825  | 0,87 | 4 566 623 |
| 1974 | 3 532 333 | 82,18 | 743 206   | 17,29 | 22 614  | 0,53 | 4 298 153 |
| 1975 | 4 484 855 | 81,07 | 996 681   | 18,02 | 50 683  | 0,91 | 5 532 219 |
| 1976 | 5 255 345 | 70,42 | 2 086 781 | 27,97 | 119 877 | 1,61 | 7 462 003 |
| 1977 | 5 664 322 | 67,74 | 2 609 908 | 31,21 | 87 388  | 1,05 | 8 361 618 |

OBS.: O número de bovinos abatidos sob Inspeção Federal corresponde a 60% do total. Nos abates sem inspeção (40%) estima-se que 75% dos animais abatidos sejam fêmeas.

Fonte: DIPOA/MA

Elaboração: ASCOM/COBAL

# carne

O abate indiscriminado de matrizes também foi provocado pela restrição de crédito aos produtores.

tado da Bahia, afirma que "a pecuária, por ser uma atividade eminentemente alicerçada na obtenção de crédito, sofreu sérios reflexos com a política de retração adotada, culminando com o endividamento e a descapitalização dos produtores. Para saldar os compromissos assumidos com a rede bancária, os produtores aumentaram o abate indiscriminado, envolvendo um número expressivo de matrizes em idade de reprodução".

Por outro lado, a distribuição quase que aleatória dos créditos autorizados para a pecuária resultou, em muitos casos, na "aplicação dos recursos em grandes e mirabolantes projetos, totalmente irreais economicamente; quando não eram desviados para outros setores como a construção civil ou o mercado de capitais", sustenta Guido Grimaldi, pecuarista e industrial de Salvador, BA.

## Nem Só De Carne É Feito Um Boi

A irre realidade dos grandes projetos e os desvios de créditos mencionados por Grimaldi são indicadores da total insegurança predominante no setor. Os pecuaristas não investem no aumento da produtividade de seus rebanhos porque não acreditam em preços mínimos remuneradores e, ao mes-

mo tempo, não podem alcançar bons preços pelos bois gordos porque estes têm um rendimento muito baixo em termos de carne.

Normalmente, um boi que vai para o abate rende apenas 54% de seu peso total e, uma vaca, 50%. Isto quer dizer que, na hora da venda, o produtor deixa de receber 46% do peso do boi e 50% do peso da vaca, porcentagens correspondentes à barrigada dos animais.

Há casos em que o peso das carcaças ultrapassa estes percentuais, mas raramente o produtor recebe a mais, pois, nos atuais sistemas de compra, os descontos são feitos automaticamente. Conforme o "Plano Indicativo da Comissão de Bovinos de Corte", os sistemas de compra mais utilizados são três, "tradicionalmente aceitos e vigentes há várias décadas:

— Compra a "peso morto" ou no "gancho", quando o animal é enviado ao frigorífico e o pagamento é feito mediante os pesos verificados para os quartos de animais depois de limpos.

— Compra a "olho" (sic), quando é feita uma estimativa dos pesos dos animais, descontando-se 50% para as vacas e 46% para os bois.

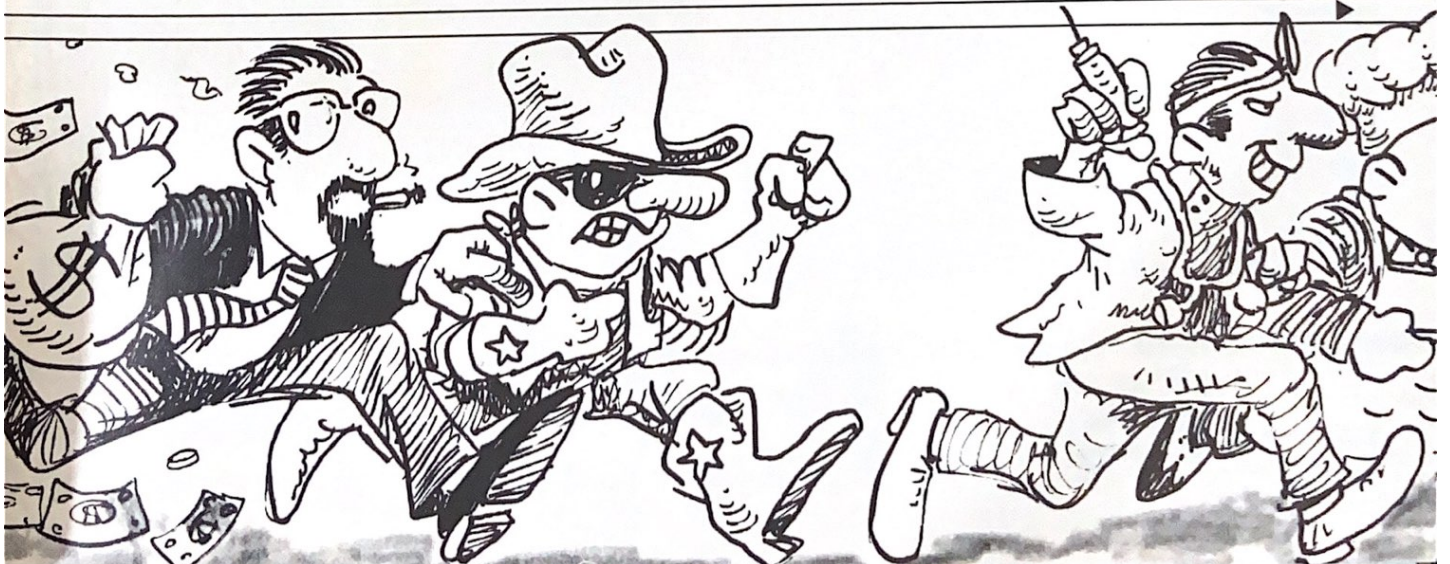
— compra a "peso vivo", quando o animal é pesado vivo, sendo aplicados os descontos acima referi-

dos (isto quando o produtor dispõe de balança)".

Acontece, porém, que a carne não é o único derivado do boi comercialmente aproveitável. Alberto Chap Chap lembra que "do boi inteiro, a parte da carne só representa 25%; os outros 75% são utilizados para outras coisas. O sebo, por exemplo, é usado em indústrias de cosméticos e sabonetes; o couro, nas indústrias de artefatos de couro; os miúdos vão para os laboratórios farmacêuticos para fazer hormônios; os ossos são utilizados para adubos e rações; enfim, o boi é todo aproveitável e só se fala nele como carne".

Por causa destes 25% de carne, sacrifica-se hoje todo o preço do boi. Desde 1970, complementa Chap Chap, "o governo vem importando derivados do boi e não se dá conta de que, com isso, está diminuindo o preço do boi. Se ele não importar as 50 mil toneladas anuais de sebo, o preço do boi sobe aqui. O governo poderia, há muito tempo, manter os preços da carne estáveis e ter o preço do boi elevado, oferecendo muito mais rentabilidade para o produtor. Mas, não; sacrifica-se o pecuarista, favorecendo, em parte, a população consumidora de carne e grandemente as indústrias, que nada têm com o índice do custo de vida, mas compram matéria-prima barata".

49



## Pecuária Teve Até Intervenção Militar

O tabelamento do preço do boi, em diferentes épocas, foi uma das várias medidas desestimulantes que mostram a atitude restritiva do governo para com os pecuaristas. Em 65 e 73, segundo José Mário Junqueira de Azevedo, Presidente da Associação dos Criadores de Gado Nelore, o tabelamento provocou tal reação entre os produtores que motivou até intervenções militares nas invernações.

Em 1965, conta José Mário, "o preço do boi foi tabelado em 9 cruzeiros a arroba, quando já estava por volta de 12 cruzeiros. O preço da carne a ser vendida pelos frigoríficos só foi tabelado depois de quatro meses. Alguns produtores se recusaram a vender e foram denunciados pelos frigoríficos, sofrendo intervenção militar em suas fazendas. Efetivamente, muitos produtores foram presos e tiveram seu gado apreendido temporariamente. Em 1973 ameaçou-se proceder da mesma forma, mas o então Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, deu um parecer contra a intervenção e esta acabou não acontecendo".

## Secas, Enchentes, Pragas e Doenças

Motivada por estes tabelamentos, pelos sistemas de compra do boi, pela restrição dos créditos e ausência de preços remuneradores, a descapitalização do setor acabou por provocar a substituição de grandes áreas de pastagens por culturas tipo exportação, mais vantajosas economicamente e com um retorno mais rápido de capital.

A substituição ocorreu principalmente em 75 e 77. No Paraná, 50% das pastagens foram transformadas em culturas de soja e trigo; no Rio Grande do Sul, 40% e, em Mato Grosso do Sul, 15%. Em outros Estados, as pastagens foram transformadas em plantações de cana, laranja e café, informa a Assessoria de Pecuária da Confederação Nacional da Agricultura.

Aliam-se a esta substituição as secas, enchentes e pragas que constantemente destroem a base econômica da agricultura e da pecuária por uma incapacidade nacional de prevenção contra acidentes climáticos. No caso da pecuária, as secas são particularmente prejudiciais na Bahia e demais estados nordestinos, enquanto as

cheias continuam causando problemas no Pantanal Mato-grossense.

Quanto às pragas que afetam as pastagens, a pior parece ser a "cigarrinha", que, segundo Nonato Marques, Assessor-Técnico da Federação da Agricultura da Bahia, "por vezes devasta completamente as pastagens baianas, obrigando o pecuarista a se desfazer de importantes parcelas de seu rebanho".

Desconsiderando os desastres climáticos e as pragas, porém, verifica-se que as pastagens brasileiras ainda sofrem uma redução bastante considerável em sua área durante o inverno, época em que várias espécies de capim secam. Isto acontece desde que existe a pecuária no Brasil e até hoje significa um período de subnutrição para o gado, que precisa ser recuperado depois.

Nunca se pensou sequer numa solução elementar como a cultura do feno, que, como comenta Alberto Chap Chap, "substitui o capim com a mesma qualidade proteica, é resistente ao frio e não exige armazéns, podendo ser estocado no próprio campo. O feno não requer a formação de silos e é tão barato como o capim; entretanto, não é uma prática frequente entre os produtores brasileiros". ■

